



**REVISTA OPINIÃO FILOSÓFICA**

ISSN: 2178-1176

**O Juggernaut Americano: um proveitoso e devido resgate do  
programa filosófico de Charles S. Peirce**

**The American Juggernaut: a profitable and due retrieval of Charles S.  
Peirce philosophical project**

Iago H. Macedo de Almeida<sup>1</sup>; Danilo Vaz-Curado R. M. Costa<sup>2</sup>.

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.2025.v16.1270>

**Resumo**

Este artigo é uma resenha crítica da obra “Charles Sanders Peirce: o Juggernaut Americano” de Daniel Everett, pela EDUPE (Recife, 2024), traduzido por Aleph Cedrim Barbalho, Carlos André Silva de Moura e Danilo Vaz-Curado R. M. Costa. Visamos reconstruir algumas das principais contribuições da filosofia peirceana em um breve panorama da exposição de Everett em seu livro. Esboçamos os temas-chave tratados em seus capítulos, a saber: o pragmatismo, as influências e raízes filosóficas de Peirce, sua lógica das percepções, sua semiótica e uma apresentação biográfica do filósofo. Assim, Everett nos oferece uma magistral introdução ao pensamento de Peirce e uma merecida retomada de seu projeto filosófico.

**Palavras-chave:** Charles Peirce. Pragmatismo. Daniel Everett.

---

<sup>1</sup> Graduando em filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0956-4578>. Email: [iagohmacedo@gmail.com](mailto:iagohmacedo@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós Graduação em Filosofia da Unicap, Professor lotado no Bacharelado e da Licenciatura em Filosofia da Unicap. Na graduação atua em diversos curso de graduação da Unicap, como filosofia, direito, Ciências Contábeis etc. De 2018 a 2021 foi Diretor do Centro de Teologia e Ciências Humanas. De 2021 a 2024 foi Diretor da Escola de Educação e Humanidades. É Doutor em Filosofia pela UFRGS, Mestre em Filosofia pela UFPE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3048-1701>. E-mail: [danilo.costa@unicap.br](mailto:danilo.costa@unicap.br).

## Abstract

This article is a critical review of Daniel Everett's work "Charles Sanders Peirce: o Juggernaut Americano", published by EDUPE (Recife, 2024) and translated by Aleph Cedrim Barbalho, Carlos André Silva de Moura e Danilo Vaz-Curado R. M. Costa. We aim to reconstruct some of the main contributions of peircean philosophy by providing a brief overview of Everett's exposition in his book. We outline the key themes covered in its chapters, namely: pragmatism, Peirce's philosophical roots and influences, his phenomenology, his semiotics, and a biographical presentation of the philosopher. Thus, Everett offers us a masterful introduction to Peirce's thought and a well-deserved revival of his philosophical project.

**Keywords:** Charles Peirce. Pragmatism. Daniel Everett.

## Resenha

Já se chegou o tempo de se revisitar na filosofia e na linguística esse conjunto de propostas e teorias peirceanas e descobrir que ideias não têm prazo de validade. Ideias boas continuam válidas para sempre. Peirce nos fornece não somente ideias profundas, mas um exemplo de dedicação à pesquisa, sem se preocupar com reputações, carreiras ou os preconceitos acadêmicos que contradizem os resultados dessa pesquisa. (Everett, 2024, p. 337)

Esta resenha possui como objetivo esboçar um panorama sucinto com algumas das ideias-chave da obra "Charles Sanders Peirce: O Juggernaut Americano" de Daniel Everett (Bentley University), pela EDUPE (Recife, 2024), tradução de Aleph Cedrim Barbalho, Carlos André Silva de Moura e Danilo Vaz-Curado R. M. Costa.

Nesta completa e profunda introdução ao pensamento de Charles Peirce, Everett reconstrói com maestria as ideias centrais do projeto filosófico peirceano, cujo subestimado legado se estende às bases da linguística e filosofia contemporâneas.

A começar pelo Pragmatismo, uma peça chave para entender a filosofia americana moderna, e que nasceu com Peirce, apesar de outros autores terem ficado mais famosos por popularizá-lo, como por exemplo William James e John Dewey. Everett começa, assim, com uma breve explicação da versão de James do pragmatismo, bem exposta no seu livro "Pragmatismo: um novo nome para alguma formas antigas do pensamento", onde é apresentado o exemplo de um homem que tenta observar um esquilo em uma árvore, mas a medida que ele circula a árvore a fim de tentar ver o animal, este rapidamente se afasta do homem de modo que não consegue ser visto por

ele. James, então, pergunta: “o homem circulo o esquilo?”, ora, a resposta depende de usarmos direções geocêntricas ou direções relativas ao corpo, “James argumenta que a verdade da declaração é resolvida pela *Pragmática* (sua versão) com base na narrativa do que é mais útil para você” (Everett, 2024, p.15), isto é, com base naquilo que *funciona* num determinado contexto comunicativo, “dependendo do efeito prático que queremos expressar” (Everett, 2024, p.15). A versão do pragmatismo de Peirce (ou como ele próprio o batizou: “pragmaticismo”) oferece algo um tanto diferente. Everett começa destrinchando a forte declaração de Peirce no núcleo de seu pragmatismo de que a lógica estaria enraizada no princípio social, ou seja, nossas decisões epistêmicas em face do que tem mais probabilidade de funcionar devem ser informadas pela comunidade humana trans-histórica e trans-cultural, “Estamos presos, como nos diz o autor da *Carta aos Hebreus*, por uma grande nuvem de testemunhas. E Peirce está dizendo-nos que esta grande nuvem deve entrar em nossos cálculos lógicos” (Everett, 2024, p.18). Desse modo, a verdade é um empreendimento social e a sua investigação é ditada pela aceitabilidade perante essa comunidade universal de cientistas (num sentido frouxo do termo) epistemicamente ideal.

Em sua leitura acerca da visão de Peirce sobre a Verdade, Putnam (1992, 84) resume que “...quaisquer espécies concebíveis de seres inteligentes (se eles formularem hipóteses corretamente, executarem os experimentos apropriados) podem 'convergir' para um acordo sobre as leis da física ideal, no modo previsto pela primeira vez por C.S. Peirce.” Putnam reivindica ainda que a “ideia peirceana de verdade... como um sistema coerente de crenças acabará por ser aceita pela mais ampla possível comunidade de investigadores como um resultado da atividade extenuante” (Putnam 1990, 221) e “a investigação científica convergirá para 'uma teoria ideal...’” (Putnam 1994, 353) (Everett, 2024, p.19).

O pragmaticismo, portanto, constitui uma das grandes contribuições de Peirce e dos Estados Unidos para a filosofia ocidental, sendo a sua ênfase na efetividade socialmente sancionada um marco no desenvolvimento filosófico do Novo Mundo, como bem resume Everett:

O ponto principal para resumir a filosofia do Pragmatismo que foi introduzida acima e é referenciado e discutido ao longo deste livro é apenas este: a experiência socialmente testada, limitada pela ação e pela lógica é o único caminho para o conhecimento. (Everett, 2024, p.44)

O que não significa que Peirce não bebeu de fontes tanto americanas quanto longínquas do Velho Continente e da Antiguidade. No capítulo seguinte, portanto, Everett passa a explorar as raízes antigas e medievais da filosofia peirceana, oferecendo um panorama bem amplo das influências gregas e europeias que moldaram o

pensamento de Peirce. Começando por Tales de Mileto, (como perspicazmente colocado) o primeiro *fazedor* de filosofia, que além de inspiração em termos de buscar explicações para o mundo à parte do mito, o fez sobre o pilar da investigação naturalista, “Como Peirce, Tales rompeu com as tradições religiosas do seu tempo, focando não em explicações religiosas, mas em explicações exclusivamente naturais para todos os fenômenos” (Everett, 2024, p.51). Outros pré-socráticos que influenciaram Peirce foram Pitágoras e Heráclito, principalmente no que tange à sua semiótica. Ademais, Peirce admirava Sócrates e Platão, encontrando neste último muitas perspectivas sobre realismo, nominalismo e pragmatismo, o que foi importante para o seu pensamento sobre esses problemas. Mas foi Aristóteles quem exerceu mais robusta influência sobre a pesquisa do nosso filósofo, especialmente a partir da lógica e de seus desenvolvimentos acerca de causalidade e do conceito de causa final,

A lógica inteira de Aristóteles vem à tona frequentemente nos escritos de Peirce.[...] Entre as maiores influências de Aristóteles sobre Peirce estava o conceito de "causa final".[...] A teoria da causalidade de Aristóteles influenciou a compreensão de Peirce da explicação científica.[...] Hawkins (2007, p. 521) diz que "Peirce foi grandemente influenciado por Aristóteles, particularmente no tópico da causa final." (Everett, 2024, p.57-59)

Além disso, Everett também esboça a importância da teoria dos sinais e da semiótica desenvolvida pelos estóicos, e da profunda conexão com Epicuro que influenciou diretamente o tiquismo de Peirce, por exemplo. De fato “a influência epicurista em Peirce é mais importante do que aquela dos estóicos” (Everett, 2024, p.66). Passando para as influências medievais, são brevemente dispostas as contribuições de diversos pensadores europeus para a semiótica, bem como para as discussões metafísicas e epistemológicas que figuram o *background* dos desenvolvimentos peirceanos na filosofia e na linguística. São abordadas em maior destaque as teorias de Duns Scotus, assim como as de Thomas de Erfurt e os modistas, também as duras críticas e o diálogo de Peirce com a filosofia do senso-comum escocesa de Thomas Reid, além da semiótica em Agostinho, Boécio, Roger Bacon e (inusitadamente) John Locke, e as influências de David Hume com seu empirismo, ceticismo e “proto-pragmatismo” (como considerava Peirce (Everett, 2024, p.99).

Passando para o outro lado do Atlântico, o florescimento da ciência e literatura nos Estados Unidos centralizado principalmente em Massachusetts e na Universidade de Cambridge também forneceu um contexto vital no qual Peirce cresceu e desenvolveu sua pesquisa. Personalidades como Ralph Waldo Emerson, Margaret Fuller, Henry

David Thoreau, Edgar Allan Poe, Emily Dickinson e Louis Agassiz, por exemplo, fizeram parte do contexto intelectual e até, em alguns casos, familiar de Peirce. Mas antes Everett menciona alguns pensadores calvinistas precursores da intelectualidade americana, dentre os quais o mais notável é Jonathan Edwards, que desenvolveu sua filosofia a partir de sua crença em Deus e foi “arguivelmente o maior filósofo na história dos EUA até Peirce” (Everett, 2024, p.112). Também é mencionada a influência das filosofias originárias americanas defendida por Scott Pratt em “Native Pragmatism: Rethinking the Roots of American Philosophy, apesar de Everett entender que “sua tentativa de prover um pedigree indígena para o pragmatismo americano falha empiricamente.” (Everett, 2024, p.109). O capítulo passa, então, a explorar outras influências americanas em Emerson e sua encarnação do idealismo transcendental de Kant e do romantismo nos Estados Unidos. Fundador do Transcendentalismo da Nova Inglaterra, Emerson via esse florescimento intelectual e pregava uma intelectualidade americana independente e forte, estabelecendo os parâmetros para a filosofia americana em seus escritos sobre transcendentalismo (Everett, 2024, p.119). Além disso, ele também encabeçou um romantismo antropocêntrico que buscava emancipar a criativa erudição intelectual do peso da religião,

a compreensão da trajetória e do pensamento de Peirce requer uma apreciação da revolução emersoniana. Peirce olhava para a natureza independentemente da pressão doutrinária. Embora ele acreditasse em Deus, sua investigação não foi moldada pela igreja, mas pelo espírito do Romantismo esboçado acima. (Everett, 2024, p.121)

Assim, Emerson não somente influenciou, mas profetizou o pragmatismo de Peirce, na medida em que este alcança e representa a agenda intelectual idealizada por aquele, de modo que “A filosofia de Peirce foi, portanto, uma criação eminentemente americana, imbuída do início ao fim das preocupações da Concord e da geração de Cambridge de seu pai” (Everett, 2024, p.121-122).

No capítulo seguinte, Everett empreende uma apresentação da faneroscopia de Peirce, isto é, a lógica das percepções, ou ainda a fenomenologia. Na verdade, isso será feito cativantemente à luz da vasta experiência da pesquisa de campo em linguística do autor, como ele próprio afirma “A pesquisa de campo em linguística é um curso intensivo nas categorias faneroscópicas peirceanas (fenomenológicas)” (Everett, 2024, p.124). Tais categorias também são relevantes para a compreensão de seu particular pragmatismo, passemos, então, a um breve passeio pela explicação de Everett acerca

delas. A primeiridade (*firstness*) é exemplificada pela primeira exposição a uma nova situação linguística, quando se ouve uma língua nunca antes ouvida pelo sujeito. Está relacionada à “tonalidade” da experiência (tons), onde predomina um raciocínio ainda preliminar, abduativo que tenta lidar com o impacto e a estranheza daqueles fenômenos, mas ainda em um nível abaixo do foco intencional, “o primeiro dia de trabalho de campo é também o dia da primeiridade[...] haverá muitas qualidades que você percebe abaixo do nível de foco intencional ou da consciência.” (Everett, 2024, p.125). Já a secundidade (*secondness*) representa um avanço na análise, há um foco intencional marcado pelo raciocínio indutivo que tenta fazer correlações e chegar ao conhecimento de símbolos (tokens), como Everett descreve: “Finalmente, você pode ter um momento "a ha" e decidir que vários sons que você está ouvindo são aspirados e não se limitam à posição inicial da sílaba, como seria em inglês” (Everett, 2024, p.126). Por fim, a terceiridade (*thirdness*) é caracterizada pela generalização, ou seja, por meio do raciocínio dedutivo que chega ao conhecimento dos tipos, para o qual o capítulo está recheado de exemplos provenientes da pesquisa de campo do autor com os Pirahãs. Peirce resume suas categorias em sentimento, reação e pensamento, respectivamente, enquanto Everett as aplica para a pesquisa de campo enquanto observação, discriminação e generalização (Everett, 2024, p.126). E isso corresponde bem à tônica do capítulo na medida em que Everett conduz magistralmente o aprofundamento e a aplicabilidade didática das categorias fenomenológicas por meio dos estudos linguísticos e fonológicos e de sua experiência de campo com os Pirahãs, chegando a dizer que Peirce prediz a ordem da pesquisa de campo em suas categorias faneroscópicas (Everett, 2024, p.142). Como já dito acima, essa fenomenologia funda as bases epistemológicas e metafísicas que diferenciam o pragmatismo de Peirce, e Everett a amarra com a análise semiótica e o trabalho do linguista em pesquisa de campo: “o trabalho de campo é um campo de teste e aplicação privilegiado para os princípios pragmaticistas e que o pragmatismo serve como talvez a estrutura ideal para a pesquisa de campo” (Everett, 2024, p.176).

Mas é apenas no capítulo seguinte que Everett mergulha de cabeça na semiótica de Peirce, outra das maiores contribuições do *juggernaut* americano para a filosofia. Apesar disso, começa-se destacando que Ferdinand de Saussure acabou com o nome mais associado à semiótica do que Peirce simplesmente porque este não deixou alunos que organizaram e popularizaram suas ideias, enquanto aquele sim. Everett prossegue,

então, com uma breve e acessível disposição da semiótica de Saussure, que entendia a linguagem como um “sistema de signos socialmente compartilhados, psicologicamente reais, cada um consistindo na conjunção arbitrária de um conceito abstrato e imagem acústica” (Everett, 2024, p.178). Sendo o signo entendido de maneira diádica, isto é, um composto de significado e significante, conceito e imagem, contrastando com a noção triádica de Peirce, que, aliás, “desenvolve os detalhes do signo em muito maior intensão e extensão.” (Everett, 2024, p.182), classificando-os à luz da teoria semiótica. Esses três termos presentes em toda comunicação são: signo, objeto e intérprete. Um signo é uma representação, que pode ser interpretada como dizendo algo sobre algo, o objeto é tudo aquilo que é pensável e o intérprete é um sentido mais ou menos esclarecido (Everett, 2024, p.191-192). Daí Everett passa a discutir a tipologia dos signos em sua relação com as categorias fenomenológicas, como é pensada por Peirce, isto é, em termos de tom-símbolo-tipo/primeiridade-secundidade-terceiridade. Além disso, também são introduzidas as subdisciplinas semióticas, as quais Peirce considerava companheiras necessárias à tipologia dos signos (Everett, 2024, p.198), a saber, a Gramática Especulativa (posteriormente chamada de Gramática Universal), a Retórica Especulativa e a Lógica. Assim, Everett oferece uma verdadeira exploração pelos desenvolvimentos do Peirce semioticista e (inevitavelmente) por problemas interessantes da linguística moderna, como por exemplo sistemas semióticos em animais não humanos e o conceito de linguagem. Além disso, Everett também apresenta as concepções chomskianas da linguagem em contraposição às peirceanas, destacando seus diferentes (e irreconciliáveis) pressupostos teóricos: “esses dois filósofos [Chomsky e Peirce] representam polos separados do racionalismo e do dualismo contra o pragmatismo, o realismo e o monismo, respectivamente. Não se pode ter os dois” (Everett, 2024, p.274).

A linguagem e a teoria semiótica possuem uma conexão direta com o pensamento, é impossível pensar sem signos, como defende o próprio Peirce. No capítulo seguinte, Everett aborda as negligenciadas contribuições de Peirce para as ciências cognitivas e esclarece que a “revolução cognitiva” de 1950 não foi tão revolucionária afinal. Defende-se que Peirce foi um pioneiro nos estudos cognitivos nos EUA, mas não recebeu o devido crédito por boa parte da comunidade científica:

Peirce realizou os primeiros experimentos psicológicos nos EUA, o primeiro trabalho sobre a linguagem do pensamento, o primeiro trabalho sobre

representações mentais, a primeira teoria da racionalidade e a primeira teoria da cognição aplicada a emergir do Hemisfério Ocidental, o Pragmatismo de Peirce. (Everett, 2024, p.276-277).

A partir de uma breve explicação da chamada “revolução cognitiva”, o autor pega os 5 pontos de Steven Pinker que a resumem e mostra como não são de modo algum novidade se analisados a partir de uma perspectiva peirceana, são eles:

1. O mundo mental pode ser fundamentado no mundo físico pelos conceitos de informação, computação e feedback.
2. A mente não pode ser uma folha em branco porque folhas em branco não fazem nada.
3. Uma gama infinita de comportamentos pode ser gerada por programas combinatórios finitos na mente.
4. Mecanismos mentais universais podem estar subjacentes à variação superficial entre culturas.
5. A mente é um sistema complexo composto de muitas partes interagentes (Pinker apud Everett, p. 283-284).

Everett argumenta que todos esses pontos (talvez exceto pelo 5º) já estavam presentes de um modo ou de outro em Peirce muito antes de 1956, porém o preconceito de muitos cientistas em relação ao passado levou a uma omissão histórica dos primórdios dos estudos cognitivos nos Estados Unidos.

A principal lição é que Peirce, James, Hall e muitos outros estavam felizes e produtivamente engajados na condução de uma ciência cognitiva muito séria muito antes da década de 1950 e, de certa forma, superior ao que muitos dos trabalhos anteriores em cognição realizaram (Everett, 2024, p.290)

Por fim, Everett toma o último capítulo para uma apresentação biográfica da vida familiar, pessoal e acadêmica de Peirce. Seu pai, Benjamin Peirce foi um renomado cientista e professor de matemática em Harvard, considerado um dos pioneiros na cultura de pesquisa nos EUA, e outros cientistas e escritores também faziam parte do círculo íntimo dos Peirce, como Louis Agassiz e Longfellow. Charles, então, cresceu

em meio àquela ainda incipiente intelectualidade americana do século 19, que, infelizmente, também o influenciou nas tendências racistas e escravagistas da sociedade da época (embora indesculpáveis, diz Everett), representando uma mancha grave na moralidade dos Peirce, embora não invalide suas contribuições científicas. Apesar de sua genialidade e brilhantismo e do apoio que recebeu de seu pai, Charles teve uma carreira acadêmica conturbada, marcada por intrigas, excentricidades e crises profissionais. Trabalhou na U.S. Coast Survey (cujo diretor era seu pai), lecionou na universidade Johns Hopkins, mas acabou sendo demitido de ambas as instituições, muitos acreditam, por causa de sua personalidade irreverente e socialmente inadequada. Os problemas financeiros começaram a fazer parte da vida de Peirce, que contou com a ajuda de seu amigo William James para seu sustento. As peculiaridades comportamentais de Charles Peirce fizeram alguns se questionarem se ele não estaria no Espectro Autista, Everett, porém, não vê algo tão incomum assim para um acadêmico, mas fato é que a genialidade de Peirce era respeitada e não podemos dizer que sua vida foi um fracasso acadêmico, muito pelo contrário, a dedicação à pesquisa e o legado do *Juggernaut* são uma inspiração para muitos.

foi o matemático alemão Ernst Schroeder (Oakes (1993, 4), que escreveu sobre Peirce que sua "fama acabaria brilhando como a de Leibniz e Aristóteles em todos os milhares de anos vindouros". William Kingdon Clifford escreveu (ibid) que "Peirce deve ser colocado, como lógico, em grupo com Aristóteles". E Fisch afirmou de Peirce que "se ele teve equiparáveis em toda a história da filosofia, eles não são mais do que dois". (Everett, 2024, p.335)

Peirce deu ao mundo algumas das grandes contribuições dos EUA à filosofia, dentre elas o pragmatismo e a teoria da semiótica, e hoje figura como um dos maiores, talvez o maior filósofo americano da história. Esta obra oferece uma introdução completa e acessível à vida e obra filosófica de Charles Peirce, cuja pesquisa moldou em muito o pensamento contemporâneo em filosofia e linguagem e é indispensável para se entender a reflexão filosófica deste lado do Atlântico.

## Referências

EVERETT, Daniel. *Charles Sanders Peirce: O Juggernaut Americano*. Tradução: Aleph Cedrim Barbalho; Carlos André Silva de Moura; Danilo Vaz-Curado R. M. Costa. Recife: EDUPE, 2024.

Recebido em: 21/05/2025

Aprovado em: 29/05/2025